

## OS IMPACTOS DA MORTE E DO MORRER PARA A EQUIPE DE ENFERMAGEM NA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Geovana Antonia de Almeida Michelino<sup>1</sup>, Julia Carolina dos Santos<sup>1</sup>, Yasmin Diniz Trettel<sup>1</sup>,

Jeferson Cesar Moretti Agnelli<sup>2</sup>, Clayton Gonçalves de Almeida<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Graduanda em Enfermagem na Universidade de Sorocaba

<sup>2</sup>Docente na Universidade de Sorocaba

### RESUMO

**Introdução:** A Unidade de Terapia Intensiva (UTI) é um ambiente de alta complexidade onde se encontra pacientes com risco iminente de morte e a equipe multiprofissional, dentre eles existem profissionais da enfermagem que passam por dificuldades em lidar com o ciclo de morte e morrer, devido ao tempo dedicado na execução dos cuidados e isso pode despertar alguns sentimentos como, medo, insegurança, angústia, frustração e a não compreensão, podendo acarretar certas limitações e dificuldades para exercer suas funções dentro do ambiente hospitalar. **Objetivo:** Identificar na literatura, relatos referentes ao processo de morte e luto e o impacto que a morte traz aos profissionais de enfermagem na unidade de terapia intensiva e suas atitudes perante esse cenário. **Método:** O trabalho consiste em uma revisão integrativa, da leitura, tendo como pergunta norteadora de pesquisa: “Quais os principais impactos para os profissionais de enfermagem frente ao processo de morte e morrer em uma Unidade de Terapia Intensiva?”. Foi utilizado a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) como veículo de pesquisa, selecionando as evidências em saúde nas seguintes bases de dados: Bases de dados Sistema Online de Busca e Análise de Literatura Médica (MEDLINE), Base de Dados de Enfermagem (BDENF), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), A coleta dos dados ocorreu entre Setembro e Novembro de 2022, onde foram utilizados seis artigos selecionados por meio dos critérios de inclusão e exclusão. Foram analisados 6 artigos referentes ao enfrentamento da equipe de enfermagem perante o processo de morte e luto na unidade de terapia intensiva, utilizando os critérios de exclusão considerando artigos em português, publicados nos últimos 10 anos (2012 – 2022), por textos completos e na base de dados BDENF, LILACS e MEDLINE. **Resultados:** Hospitais são lugares onde predominante se permeia um cenário de dor e sofrimento onde, em alguns casos, a morte se caracteriza como um contexto inevitável. Frequentemente é possível observar um certo isolamento emocional por parte dos profissionais de enfermagem diante do contexto da morte e do morrer, como medida de sublimação do sofrimento. Com base nos estudos os principais impactos da morte nos profissionais de

enfermagem são: expressão de sentimentos sobre a finitude de vida, como medo, insegurança, angústia, frustração, ansiedade, distanciamento emocional e a não compreensão do processo. Esse contexto pode influenciar negativamente na tomada de decisão e no desempenho da equipe de enfermagem. **Conclusão:** Conclui-se que profissionais de enfermagem, apresentam uma sobrecarga de trabalho, impossibilitando de lidar assertivamente com a morte e o luto todos os dias dentro da UTI. Com isso, sugere-se então que algumas abordagens como: acompanhamento psicológico e preparo para o ingresso do profissional na UTI, possam contribuir para a melhora do enfrentamento da morte e o luto.

**Descritores:** Atitude frente a morte; Enfermagem; Unidade de Terapia Intensiva.

## INTRODUÇÃO

A Unidade de Terapia Intensiva (UTI) é o ambiente hospitalar onde pacientes com risco iminente de morte estão em tratamento, local onde há pessoas capacitadas para prestar assistência e qualidade de vida independente do quadro clínico do paciente, porém, tamanha complexidade faz com que profissionais da saúde tenham dificuldade em lidar com a morte ou o fim de vida diariamente, por mais que seja a lei natural da vida o processo de morte e morrer.

A morte desperta medo no ser humano, causando certas limitações que podem alegar a dificuldade de enfrentar a situação. Pacientes que passaram por traumas, acidentes ou doenças graves permanecem semanas na UTI, trazendo proximidade dos profissionais ao paciente e seus familiares, pois são as pessoas que mais passam tempo junto dos acontecimentos diários, podendo então desencadear ansiedade, angústia, medo, estresse, insegurança e dor. (CHUISTA, 2020)

Este processo natural da vida faz com que o enfermeiro no ambiente hospitalar tenha um papel importante no dinamismo do cuidar, que vai além de possibilidades terapêuticas, exigindo humanização frente ao sofrimento do enfermo e familiares. É exigido do profissional intensivista, a coordenação da equipe junto a assistência ao paciente, e o controle do próprio psicológico para enfrentar a morte, induzindo-o a reflexão sobre a própria existência, pois a lembrança do fim que vem através da morte é vista ainda como um tabu, sendo um assunto evitado por todos, tanto familiares quanto profissionais, na maioria das situações. (SOARES, 2022)

Cabe ressaltar que a finitude desencadeia diversos questionamentos a equipe de enfermagem, podendo afetá-los, já que são eles que dedicam cuidado permanente e incessante no setor. As reflexões sobre morte e morrer perante a equipe de enfermagem pode afetar ainda mais o psicológico do profissional, pois na qualificação ao ingresso do profissional intensivista, essa questão não é colocada em debate ou designada como um dos temas principais ao ingressar na UTI.

A partir desses pressupostos, este trabalho tem como objetivo identificar na literatura, relatos referentes ao processo de morte e luto e o impacto que a morte traz em profissionais de enfermagem na unidade de terapia intensiva e suas atitudes perante esse cenário.

## **METODOLOGIA**

O trabalho consiste em uma revisão integrativa, baseada na leitura de materiais bibliográficos, utilizando critérios inclusivos e exclusivos.

Para determinação do tema, foi utilizada a seguinte questão norteadora: Quais os principais impactos para os profissionais de enfermagem frente ao processo de morte e morrer em uma Unidade de Terapia Intensiva?

A identificação dos descritores se deu através de buscas na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), utilizando os descritores em ciências de saúde (DeCS), selecionados os que condiziam com o objetivo da pesquisa.

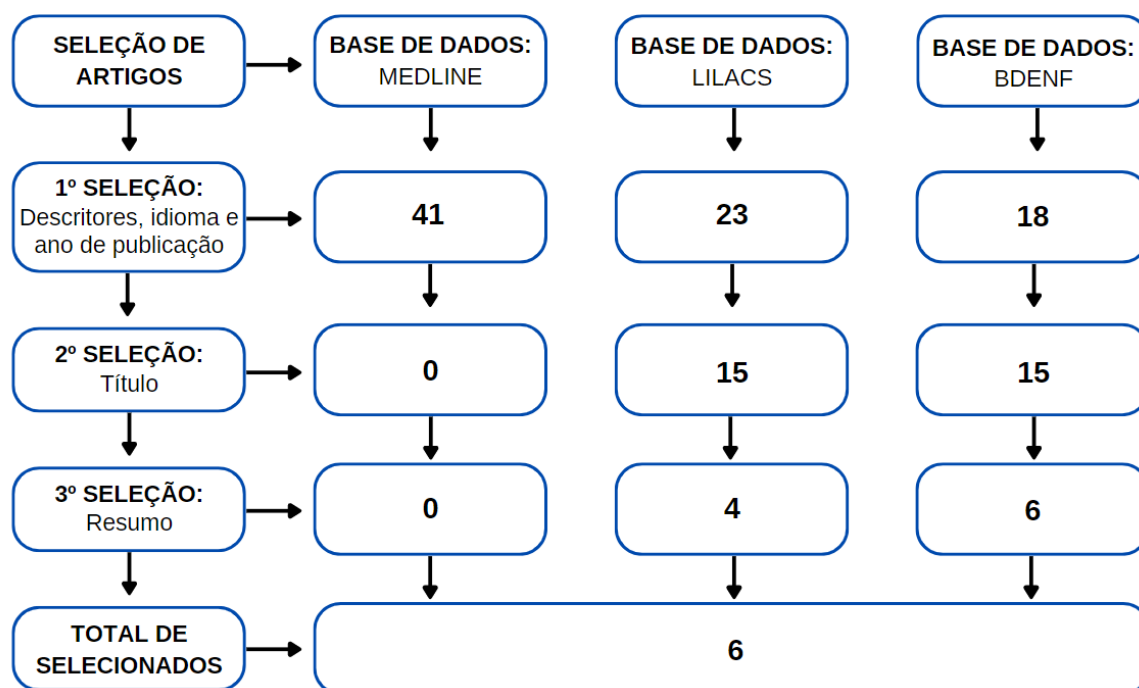
Os critérios de inclusão foram artigos gratuitos e completos, no idioma português, filtrados em artigos publicados nos últimos 10 anos (entre 2012 e 2022) publicados nas bases de dados BDNF, LILACS e MEDLINE. Utilizando os critérios de exclusão foram artigos em outros idiomas, duplicidade, com datas inferiores a 2012.

Os descritores utilizados foram Atitude Frente a Morte; Enfermagem; Unidade de Terapia Intensiva. Após, foram realizadas as pesquisas nas bases de dados.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Foram utilizados os descritores: atitude frente a morte; enfermagem; unidade de terapia intensiva, onde foram encontrados 82 artigos, utilizando os critérios de filtro considerados artigos em português, artigos publicados nos últimos 10 anos (2012 – 2022), por textos completos e na base de dados BDNF, LILACS e MEDLINE, restaram 30 artigos.

Após uma análise criteriosa dos títulos, restaram um total de 10 artigos e após a leitura de resumos e artigos na íntegra para inclusão e exclusão, restaram o total de 6 artigos, considerados adequados nos objetivos propostos, conforme descrito no fluxograma 1.



**Fluxograma 1:** Seleção de estudos diante a base de dados e os critérios de exclusão.

No quadro 1, são representadas de forma unificada e descritiva as informações colhidas nos 6 artigos selecionados, sendo essas informações sintetizadas para formulação e construção do trabalho.

Estudo	Título	Autor(es)	Objetivo	Delineamento	Conclusão	Ano
E1	Sentimentos de enfermeiros frente ao paciente em Unidade de Terapia Intensiva	SOARES et al.	Identificar os sentimentos dos enfermeiros frente ao paciente sem possibilidades de cura, suas maiores dificuldades e discutir aspectos relevantes ao preparo dos enfermeiros no processo morte/morrer em Unidades de Terapia Intensiva.	Pesquisa qualitativa.	O enfrentamento da morte é um desafio para os enfermeiros visto que nem todas às instituições de ensino oferecem abordagem aprofundada relacionada ao processo de morte/morrer	2022

<b>E2</b>	Coping da equipe de enfermagem no processo de morte-morrer em Unidade Neonatal	SILVEIRA et al.	Compreender o coping dos profissionais de enfermagem no processo morte-morrer em neonatologia.	Pesquisa qualitativa.	Os processos autorreferenciais experienciados em situações estressantes por profissionais da enfermagem favorecem à empatia, o vínculo e a comunicação com a família de neonatos à morte. Os indicativos de fragilidade na formação mantêm-se predisponentes para as dificuldades no enfrentamento da morte-morrer.	2022
<b>E3</b>	Lidando com a morte e o morrer em uma Unidade de Terapia Intensiva do Paraná	CHUISTA et al	Conhecer a perspectiva de profissionais da enfermagem que atuam em uma unidade de terapia intensiva frente à morte e o morrer.	Pesquisa qualitativa.	Os participantes utilizam estratégias de defesa e enfrentamento, na tentativa de negar ou fugir desse confronto, ou aliviar a dor, a angústia e o sofrimento experienciados nesse contexto.	2020
<b>E4</b>	O processo de morte e morrer para a equipe de enfermagem do centro de Terapia Intensiva	SEIFFERT et al	Descrever as percepções da equipe de enfermagem do Centro de Terapia Intensiva sobre o processo de morte e morrer e suas implicações para o cuidado de enfermagem.	Pesquisa qualitativa.	Através desta, foi possível discorrer sobre as percepções dos profissionais de enfermagem sobre o processo de morte e morrer e evidenciar que apesar do surgimento de sentimentos negativos perante a morte, não houve grandes repercussões na prestação do	2020

					cuidado por eles oferecido	
<b>E5</b>	Morte: reflexões para o cuidado de enfermagem no espaço hospitalar	ROSEMBARQUE et al.	Refletir sobre o processo de morrer e morte, no espaço hospitalar, a partir do cuidado realizado pela equipe de Enfermagem. As palavras-chave que nortearam a seleção dos manuscritos foram Morte; Atitude Frente à Morte; Cuidados de Enfermagem; Assistência Hospitalar e Unidades de Terapia Intensiva. Os manuscritos que discutiam a morte e as ações de cuidar, realizadas pela equipe de Enfermagem, no hospital, foram incluídos independente do marco temporal.	Pesquisa qualitativa.	As reflexões apontam para um discurso harmonioso entre a linguagem clínica e a filosofia do carinho ético para cuidar do cliente que vivencia o morrer e a morte no hospital. O enfrentamento da morte, pelos profissionais de Enfermagem, foi encarado como reação de impotência, angústia, sofrimento, medo, fracasso, incapacidade, culpa, negação e busca por amparo nos profissionais mais experientes.	2017
<b>E6</b>	Vivências de enfermeiras frente à morte na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal	XAVIER et al.	Conhecer as vivências de enfermeiras quanto ao processo de morte / morrer da criança internada na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal.	Pesquisa descritiva.	Foi possível verificar que essa unidade é um lugar crítico que impõe aos profissionais que lá atuam a convivência diária com o limite entre a vida e a morte.	2013

**Quadro 1:** Informações colhidas dos artigos contendo título, autores, objetivo do estudo, delineamento, conclusão e ano de publicação.

## PRINCIPAIS RESULTADOS IDENTIFICADOS

**Tabela 1: Principais resultados que expressam os impactos da morte e do morrer.**

IMPACTOS DA MORTE E DO MORRER PARA OS ENFERMEIROS	ESTUDOS
Não compressão da morte como um processo natural à vida	E1, E3 e E6
Distanciamento emocional	E1, E2, E3 e E6
Fuga	E2 e E3
Angústia	E1 e E3
Ansiedade	E5 e E6
Humanização e respeito ao corpo	E1 e E3

**Fonte:** Autoria própria.

Para Chuista (2020), a morte e o processo de morrer são assuntos que afligem a maioria das pessoas. No entanto, é preciso compreender que nascimento e morte são processos igualmente naturais, ou seja, o ser humano nasce, cresce, amadurece, envelhece e morre. Logo, são os acontecimentos inerentes ao ciclo da vida. Podendo significar algo natural, inevitável, totalmente aceitável; ou ainda algo complicado, complexo, cruel, inaceitável em qualquer contexto. Não obstante, a morte e o processo de morrer despertam medo nos seres humanos, inclusive nos profissionais de saúde, o que pode justificar sua dificuldade em lidar com a própria limitação.

De acordo com os estudos de Silveira (2022), a morte prematura gera sentimentos de apego, esperança, frustração e dor na equipe assistencial, onde aqueles que geralmente passam por essa situação começam a evitar a ameaça, desenvolvendo manobras de fuga desses sentimentos, através do distanciamento emocional e da aceitação da condição do paciente. Através de suas entrevistas, o estudo teve como principal objetivo identificar as estratégias de enfrentamento no processo morte-morrer, denominada coping, entre os profissionais de enfermagem em uma unidade neonatal. Em seus resultados, foram registradas algumas estratégias cognitivas de coping, sendo 6 ações regulatórias de desafio:



acomodação, negociação, resolução de problemas, busca de informação, autoconfiança e busca de apoio. E 4 ações regulatórias de ameaça: oposição, desamparo, delegação e fuga.

Ainda em sua conclusão sobre a pesquisa, Silveira (2022), afirma que o sentimento de fuga, mencionado pela equipe de enfermagem demonstra a falta de atributos psicológicos que possam ajudá-los a acompanhar todo o estágio final dos pacientes.

Segundo Chuista (2020), a Unidade de Terapia Intensiva (UTI) é evidenciada como um ambiente que desperta mitos, sensações e sentimentos como angústia, medo, tristeza, dor e sofrimento, segurança ou insegurança.

Para Soares (2022), os profissionais da unidade de terapia intensiva adulto consideram o enfrentamento da morte como um desafio, visto que nem todas as instituições de ensino oferecem abordagem aprofundada sobre o processo de morte e morrer. O fato deste ensino ser escasso nas universidades é prejudicial ao enfermeiro em formação, que não estará preparado para enfrentar o papel que lhe será cobrado no trabalho, pois sua assistência irá muito além que sua habilidade técnica, mas também na sua humanização em saber ouvir o paciente e seus familiares e proporcionar momentos de conforto, através do auxílio na realização de atitudes simples do dia a dia.

Ainda sobre os estudos de Soares (2022), os sentimentos mencionados nas entrevistas com a equipe de enfermagem da unidade de terapia intensiva perante o cuidado com os pacientes em estágio final, se assemelham as citadas pela equipe da unidade neonatal, como: tristeza, conformismo, angústia, medo e incapacidade. Com isso, Soares (2022) destaca que o estresse psicológico no trabalho influencia diretamente na vida dos profissionais, podendo aumentar o risco de se adquirir a síndrome de Burnout.

Em estudos realizados por Rosemarque (2017), os conceitos de morte e morrer, junto as ações do cuidar de enfermagem, podem afetar os profissionais em seus cuidados hospitalares, pois a convivência diária com o paciente e os familiares são pilares que levam a gatilhos psicológicos a lembranças sobre a finitude da vida, pelos cuidados ofertados. O interior do hospital causa tensões, pois é o local em que acontecem diagnósticos, tratamentos, cuidados e até mesmo reabilitações, mas também é onde pode acabar ocorrendo o óbito. Hospitais são lugares onde dor, sofrimento são combatidos, porém impossível é evitar a morte, neste caso é comum observarmos o isolamento e o quanto as pessoas a ignoram, tentando afastá-la do emocional que irá afetar a todos psiquicamente.

As práticas realizadas pelos profissionais de enfermagem 24 horas por dia no

hospital, se dá pelo cuidado, podendo reconhecer o processo de adoecimento e recuperação, tanto como necessidades diante do processo de morte e morrer. A qualificação e aperfeiçoamento destes para delimitar o cuidado deve-se desde a formação acadêmica, pois o profissional de enfermagem é quem estará vivenciando o diagnóstico do paciente, suas condições clínicas, o tratamento e o estágio de morte, até a constatação realizada pelo médico, realizando o cuidado e conforto a pessoa até sua finitude, ouvindo também os familiares presentes no momento.

Segundo o estudo de Chuista (2020), além de lidar com a perda do paciente, a equipe de enfermagem ainda enfrenta outro desafio, preparar o corpo sem vida. E ao enfrentá-lo, alguns profissionais banalizam o momento da perda, desrespeitando a memória do paciente. Outros por sua vez, o fazem com muito respeito, reconhecendo tal procedimento como parte integrante do cuidado de enfermagem. Acredita-se que o desrespeito ao corpo sem vida representa uma estratégia de defesa, diante da inabilidade de lidar com a morte do outro, ou com a própria morte. E ao lidar com essa situação, os profissionais confrontam a incômoda sensação da própria finitude.

Segundo Xavier (2013), nas UTIs Neonatais o processo de morte e morrer é ainda mais difícil para a equipe de enfermagem, onde trabalhadores sofrem psiquicamente podendo levá-lo a ansiedade e até mesmo impotência, alguns até mesmo não interagem com as crianças e familiares pois isso pode levar a um grande sofrimento. Enfermeiras entrevistadas sempre entram em conflitos consigo mesmas quando um paciente que tinha chance de recuperação acaba indo a óbito, pensando sempre no que poderia ter feito a mais para que não houvesse “falhado na missão”, acaba indo também ao fracasso emocional, não se sentindo competente suficiente para aquela profissão.

Fracasso é sinônimo de frustração. A frustração representa um estado de decepção, associado a uma carga emocional significativa, manifestado diante da impossibilidade de se fazer algo desejado, nesse caso, salvar a vida do paciente, cujo limiar de tolerância varia entre os profissionais.

Alguns profissionais da equipe de enfermagem entrevistados por Xavier (2013), acabaram relatando que no início na UTI Neonatal tudo é mais complexo quando se refere ao processo de morte e morrer, mas que com o tempo a equipe acaba se centrando mais com o quadro clínico e se preparam para o que possa ocorrer. Mas isso não interfere nos sentimentos frente a frustração da morte, principalmente quando tem que dar a notícia aos

familiares, pois as internações são de longo prazo, gerando um vínculo com o paciente e a família. Contudo, a equipe de enfermagem deve aprender a lidar com a morte, porém sem perder a humanidade, principalmente frente ao último encontro da família com o paciente.

Na percepção de Chuista (2020), lidar com a morte todos os dias implica em encará-la como uma atividade mecânica; automática, e com o tempo de atuação na área leva o profissional a adotar atitudes que o ajuda a enfrentar melhor essa situação, reconhecer a dimensão do sofrimento da família, oferecer um ambiente acolhedor, utilizar o toque, respeitar o silêncio e mostrar-se disponível para ouvi-lo.

## CONCLUSÃO

No levantamento realizado, nota-se que o processo de morte e morrer na Unidade de Terapia Intensiva tanto adulto, quanto pediátrica e neonatal, os profissionais das equipes de enfermagem usam manobras de fuga para livrar-se da dor, tristeza, angústia e sofrimento frente a este processo natural da vida que é a morte.

Visto que a aproximação com os familiares dos pacientes gera sentimentos de apego e esperança frente ao quadro clínico, gerando um processo de frustração e incapacidade acerca de sua profissão, provocando dúvidas sobre o trabalho escolhido.

Conclui-se que profissionais da saúde, principalmente da enfermagem assistencial, sofrem estresse psicológico e apresentam uma sobrecarga de trabalho, em relação a falta de conhecimento sobre como lidar com o processo da perda do paciente e preparo do corpo, impossibilitando de lidar assertivamente com a morte e o luto todos os dias dentro da UTI.

Com isso, sugere-se então que algumas abordagens como: acompanhamento psicológico e preparo para o ingresso profissional na UTI, possam contribuir para a melhora do enfrentamento da morte e o luto.

## REFERÊNCIAS

CHUISTA, I. SILVA, V. RIBEIRO, B. MIRANDA, J. SILVA, J. MARCON, S. Lidando com a morte e o morrer em uma unidade de terapia intensiva do Paraná. Apucarana, Paraná. Março de 2020. Disponível em: <https://ojs.ufpi.br/index.php/reufpi/article/view/11470/pdf> Acesso em 08/09/2022 às 17h58min.

CUNHA, M.; SANTOS, E.; FERREIRA, M.; BALDOINO, L.; COSTA, A.; RIBEIRO, A. A morte na unidade de terapia intensiva: percepções da enfermagem. Teresina, Piauí. Março de 2020. Disponível em: <https://ojs.ufpi.br/index.php/reufpi/article/view/9699/pdf> Acesso em: 09/09/2022 às 16:04.

FERRABOLI, S.; QUADRADOS, A.; Estratégias de coping da terminalidade: perspectivas de técnicos de enfermagem em UTI. Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Setembro de 2020. Disponível em: <http://revista.redeunida.org.br/ojs/index.php/redeunida/article/view/2533> Acesso em: 09/09/2022 às 15:20.

MARQUES, C.; DELAVALENTINA, C.; VERONEZ, M.; SANCHES, M. HIGARASHI, I. Significados atribuídos pela equipe de enfermagem em unidade de terapia intensiva pediátrica ao processo de morte e morrer. Maringá, Paraná. Outubro de 2013. Disponível em: <https://reme.org.br/artigo/detalhes/197> Acesso em: 09/09/2022 às 17:23.

ROSEMBARQUE, J. SILVA, P. Morte: reflexões para o cuidado de enfermagem no espaço hospital. Teresópolis, Rio de Janeiro. Setembro de 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/234497/27704> Acesso em: 08/09/2022 às 19h58min.

SANTOS, F.; COMASSETTO, I.; PORCIÚNCULA, A.; SANTOS, R.; FERREIRA, F.; MAGALHÃES, A. Ortotanásia e distanásia: percepções dos profissionais de saúde de uma unidade de terapia intensiva. Maceió, Alagoas. Abril de 2016. Disponível em: [http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-38612016000200288](http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-38612016000200288) Acesso em: 09/09/2022 às 16:50.

SEIFFERT, C. FREITAS, K. MONTEIRO, G. VASCONCELOS, E. O processo de morte e morrer para a equipe de enfermagem do centro de terapia intensiva. Belém, Pará. Janeiro de 2020. Disponível em: <http://seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/7242/pdf> Acesso em: 08/09/2022 às 18h29min.

SILVEIRA, C. BELLAGUARDA, M. CANEVER, B. COSTA, R. KNIHS, N. CALDEIRA, S. Coping da equipe de enfermagem no processo morte-morrer em unidade neonatal. Florianópolis, Santa Catarina. Março de 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/T6FDrXFy8pZ8K6xnNGsCVgP/?lang=pt#> Acesso em 08/09/2022 às 17h12min.

SOARES, W. NUNES, J. MEDEIROS, S. DAVIM, R. SILVA, K. FERNANDES, M. Sentimentos de enfermeiros frente ao paciente em unidade de terapia intensiva. Natal, Rio Grande do Norte. Janeiro de 2022. Disponível em: <http://seer.unirio.br/cuidadofundamental/article/view/9794> Acesso em: 08/09/2022 às 16h39min.

XAVIER, D. GOMES, G. DIEL, P. SALVADOR, M. OLIVEIRA, S. Vivências de enfermeiras frente à morte na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal. Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Abril de 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/11583/13604> Acesso

em: 08/09/2022 às 20h49min.